

## **ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JUNHO 2016)**

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **junho de 2016**, uma produção de 192 230 tons contra os 190 011 tons produzidas em abril de 2015, o que representa uma subida de 1.2% face ao período homólogo do ano anterior, mantendo a tendência do mês de maio. Com o mesmo número de dias de fabrico (21), esta evolução ficou a dever-se a uma subida de 5.3% nos alimentos para aves e de 1.2% nos suínos, compensando as quebras de -6.7% nos bovinos e -6.2% nos outros animais.

Para já, o crescimento relativo da procura de alimentos compostos, medida pela nossa amostra, justifica-se pela expansão da produção avícola, seja na componente aves ou ovos (com um excesso de oferta no mercado), face a um relativo abrandamento na produção de alimentos para suínos, o que era de esperar, pelo comportamento do mercado, quer na baixa, quer na situação atual de grande procura e melhoria de preços, em que os animais tendem a ser abatidos com menor peso de carcaça. Ao nível dos bovinos, a quebra prende-se com a tendência de redução na produção de leite (efeito preços e contenção dos custos de produção, com algum abandono) e nos outros animais, a dificuldades nos mercados dos coelhos e pequenos ruminantes.

Em resumo, o crescimento do mercado dos alimentos compostos em Portugal tem sido impulsionado pela componente avícola, assistindo-se a inúmeras dificuldades em toda a pecuária, pese embora a melhoria acentuada nos preços dos suínos que têm permitido, mais do que ganhos de rendimento, uma recuperação das perdas acumuladas ao longo de muitos meses. Nos bovinos de leite, já sabemos que deverá haver uma tendência para uma redução na produção, mas não é de esperar melhoria de preços até final do ano, com o setor da carne a enfrentar uma agonia, quer em Portugal, quer na Europa, a justificar a criação recente do Observatório da Carne, tal como já acontecia com o Observatório do Leite. A questão que se coloca é a de saber que estratégias, que ensinamentos ou lições retirámos da crise e se foram as medidas do Governo ou da Comissão, ou um ajustamento do mercado (talvez ambas), que permitiram a recuperação na carne de suíno e se mais um pacote de 500 milhões de € vai permitir sair, sem maiores danos, desta penosa crise do leite. Quando parece cada vez mais claro que o equilíbrio do mercado europeu passa pela exportação, ao mesmo tempo que devemos apostar em políticas nacionais e de diferenciação, com rotulagem e informação para o consumidor, no sentido de mitigar o impacto de novas crises. Nada que não tivesse sido feito noutros países, sobretudo quando têm “gigantes” nas suas fronteiras...

Ao nível das perspetivas económicas, conhecida a instabilidade europeia e as medidas de Bruxelas face ao deficit português, para além da polémica sobre a atuação do FMI em Portugal e os caminhos que seguiu (ou devia ter seguido), o comércio a retalho cresceu em junho, a atividade económica aumentou ligeiramente (0.1% de acordo com o BdP), o consumo privado 1.7%, mas o indicador de confiança dos consumidores desceu e, segundo estudos da Cetelem nos lares portugueses, verifica-se uma maior intenção de poupança e menor intenção de despesa. Por outro lado, sente-se que o endividamento das famílias não está a ser travado. A inflação em junho foi da ordem dos 0.5%, o desemprego estabilizou nos 11.2%, com um desemprego jovem de 27.2%, contra 20.8% na zona Euro (18.7% na EU). Há ainda muito a fazer em Portugal para estimular o emprego, o crescimento económico e o investimento, pelo que as dificuldades do mercado vão continuar, tanto mais que a estabilidade do sistema financeiro e a preparação do Orçamento de Estado 2017 são fontes de preocupação.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Junho 2015	Junho 2016	Variação (%)
AVES	91 703	96 523	5.3
BOVINOS	41 460	38 678	-6.7
SUINOS	45 741	46 615	1.9
OUTROS	11 107	10 414	-6.2
<b>TOTAL</b>	<b>190 011</b>	<b>192 230</b>	<b>1.2</b>

**Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro**

	Toneladas			
	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2.5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5.7
MARÇO	180 561	194 134	199 933	3.0
ABRIL	185 747	192 758	186 057	-3.5
MAIO	187 486	179 461	190 793	6.3
<b>JUNHO</b>	<b>182 590</b>	<b>190 011</b>	<b>192 230</b>	<b>1.2</b>
JULHO	201 080	200 223		
AGOSTO	185 549	185 464		
SETEMBRO	186 769	192 131		
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
<b>TOTAL</b>	<b>2 236 879</b>	<b>2 275 385</b>	<b>1 126 592</b>	<b>1.6</b>

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Jun 2015	Jan-Jun 2016	Variação (%)
AVES	514 111	541 225	5.3
BOVINOS	248 531	235 460	-5.3
SUINOS	278 591	283 899	1.9
OUTROS	67 624	66 008	-2.4
<b>TOTAL</b>	<b>1 108 857</b>	<b>1 126 592</b>	<b>1.6</b>

Quanto aos valores acumulados, com o desempenho de junho, a produção registou um incremento de 1.6% no primeiro semestre, assistindo-se agora a uma subida de 5.3% nas aves, -5.3% nos bovinos, uma relativa alta nos suínos (1.9%) e -2.4% nos outros animais. Tal como nos meses anteriores, é a produção de alimentos para aves que está a contribuir

para travar a quebra da produção nacional de alimentos compostos em Portugal. Por outro lado, considerando as empresas que integram esta amostra, são 10 (10 no mês anterior) as que melhoram a produção face ao ano transato, representando 56.1% de quota de mercado, contra os 51.4% de 2015, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade, em linha com as anteriores tendências. No que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em junho, uma quebra de 2.5%, que decorre naturalmente da descida nos bovinos e dos “outros animais”, com um acumulado de 5.7%, mostrando, apesar de tudo, uma grande resiliência: o peso dentro da amostra, neste período de janeiro a junho, é de 35.0% em 2016, contra os 37.7% de 2015.

#### Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90	95	44	41	48	52	12	12
ABRIL	90	91	43	38	48	46	11	10
MAIO	87	95	39	39	43	46	11	11
<b>JUNHO</b>	<b>92</b>	<b>97</b>	<b>41</b>	<b>39</b>	<b>46</b>	<b>47</b>	<b>11</b>	<b>10</b>
JULHO	96		45		48		11	
AGOSTO	88		42		45		10	
SETEMBRO	88		44		49		10	
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
<b>TOTAL</b>	<b>1 051</b>	<b>541</b>	<b>515</b>	<b>235</b>	<b>574</b>	<b>284</b>	<b>132</b>	<b>66</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre 1.00 e 1.05 €/kg de peso vivo, o peru em 2.10 €/kg carcaça e os ovos têm cotações entre 0.65 e 0.73 €/Kg, acima do mês anterior, mas com sinais de estabilidade. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma tendência de manutenção, com cotações de 3.77 €/kg carcaça nos novilhos e novilhas, 4.03 nas vitelas e 2.00 €/kg carcaça nas vacas. As previsões apontam para um mercado ainda mais complicado neste setor pela perspectiva de aumento dos abates de animais leiteiros, na sequência da crise do setor. No **leite**, foram anunciadas mais medidas, prevê-se um continuado abrandamento da oferta, mas os preços deverão continuar baixos até final do ano, ou seja, a tão desejada recuperação poderá ter lugar apenas em finais de 2016, inícios de 2017. Veremos qual a eficácia destas novas ajudas. Nos **suínos**, depois das altas sucessivas, assistimos nas últimas duas semanas a uma tendência de estabilidade de preços, o que pode ser indício de que a margem de crescimento já é reduzida ou nula. As exportações espanholas para a China e o mercado doméstico, com a pressão do turismo, está a condicionar os preços, mas, nos mercados externos, sente-se a concorrência dos EUA, Canadá ou Brasil. Aprovados os novos eventos GM, as nossas preocupações centram-se nas cotações da soja (e na proteína), que tem seguido um caminho errático, apesar das previsões quanto a disponibilidades no mercado. Nos cereais, não existem grandes condições de subida, mas é conveniente as empresas assegurarem alguma cobertura nos períodos de quebra, para evitar eventuais surpresas...